

MUSEU DA PESSOA



Museu da Pessoa

Uma história pode mudar seu jeito de ver o mundo.

Dieese, 50 anos fazendo história (DIEESE)

Dedicação em tudo o que fez

História de [Walter Barelli](#)

Autor: [Museu da Pessoa](#)

Publicado em 10/05/2019

Projeto: Memória Dieese 50 Anos

Depoimento: Walter Barelli

Entrevistado por: Nádya Lopes e Carolina Ruy

Local: São Paulo, 11/10/2006

Realização: Museu da Pessoa

Entrevista: HVDI 014 - CD 01

Código: Dieese_HV014

Transcrito por: Maria da Conceição Amaral da Silva

Revisado por: Simone Castro

P/1 – Para começar, gostaria que o senhor dissesse o seu nome completo, data e local de nascimento.

R – Walter Barelli. Nasci em São Paulo, 25 de julho de 1938.

P/1 – Qual o nome dos seus pais?

R – José Barelli e Elza Grande Barelli.

P/1 – Qual era a atividade profissional dos seus pais?

R – Meu pai era mecânico de manutenção. Minha mãe era tecelã. Mas no fim da vida era passadeira, que é um grau maior do que tecelã.

P/1 – O senhor tem irmãos?

R – Não.

P/1 – O senhor lembra o bairro, a rua que você morava quando era criança, para poder descrever para a gente?

R – Meu pai trabalhou na Nitroquímica. Então, assim que eu nasci eu fui para São Miguel. Com 20 dias estava em São Miguel. Mas de São Miguel eu me lembro muito pouco. Com quatro anos eu me mudei para o Belém. Rua Arinaia. Me lembro algumas coisas da rua. E aí mudei para uma vila, que alguns chamavam de Vila Bois, outros de Vila Matarazzo. Era uma vila operária, na Avenida Celso Garcia. Ainda existem algumas das casas. Onde eu fiquei, onde minha mãe morou, eu fiquei lá até mais ou menos 1958. Depois mudei várias vezes pelo Belém. Mas você deve estar querendo infância. Depois eu conto o resto.

P/1 – Como que era o dia-a-dia na sua casa?

R – Dia-a-dia na minha casa. Olha, meu pai morreu quando eu tinha nove anos. Então eu não tenho muita memória da rotina geral. Mas quando meu pai estava vivo minha mãe não trabalhava. Tomava conta da casa. A gente levantava, tomava café, ia para a escola. De tarde, depois do almoço, tinha lição de casa e tinha as brincadeiras. Porque a vila dava toda essa condição para a gente. A casa tinha um quintal que a gente plantava algumas coisas. Tinha umas galinhas. Isso aí é uma coisa de antigamente em São Paulo, tá?

P/1 – Com a perda do seu pai então sua mãe que assumiu?

R – É, meu pai ficou quatro anos doente. A aposentadoria estava começando. Meu pai morreu em 1947. Ele tinha lá uma aposentadoria, um auxílio de saúde, alguma coisa assim. Mas que era uma pobreza grande. Porque um pouco antes teve a guerra. E grandes dificuldades, por exemplo, meu pai precisava comer uma

comida especial, e precisava de farinha. E não tinha farinha. Então a confusão era comprar macarrão para moer o macarrão para fazer farinha, para fazer a comida que o meu pai ia comer. Me lembro de ir às quatro horas da madrugada com a minha mãe nas padarias para fazer fila. E aí havia as invasões de padaria, por causa do racionamento. Então era até perigoso. Quando tinha isso, minha mãe se afastava, a gente ia para outro lugar. Mas foi a experiência de guerra, que no Brasil ninguém teve, eu tive um pouquinho. Pelo menos as restrições desse tempo de guerra. E minha mãe então, o que é que ela fazia? Ela fazia muito tricô para vender para fora. Tinha pessoas que compravam a produção da minha mãe. Ela também costurava, mas acho que era mais para nós. Mas tricô acho que tinha mais saída. Então ela fazia blusas de tricô para sustentar a família. Nos papéis do

meu pai eu encontrei uma lista que o pessoal da fábrica, ele trabalhava na fábrica de papel e papelão do Matarazzo, que era ali ao lado da vila, e o pessoal fez uma lista: “Para passar o Natal melhor”. Isso mostra a solidariedade que o pessoal tinha. Meu pai tinha uma certa liderança. Todo mundo falava muito bem dele.

Então, mas não deu para conviver tanto e saber todas as coisas.

P/1 – Então o seu pai, só uma curiosidade, o seu pai adoeceu, mas ele estava trabalhando quando adoeceu? Foi isso?

R – É, o problema dele foi um problema de coração. Na época ele dizia: “Olha, se me levarem para os Estados Unidos eles me curam”. Ele queria fazer uma operação, mas no Brasil ainda não tinha tido o Zerbini, e companhia bela, o pessoal que fazia cirurgia torácica, essas coisas todas. Então era um problema, tinha muita falta de ar, não podia fazer esforço. Ele também fazia algumas coisas, ele era habilidoso, então consertava relógio. Certamente consertava os relógios do pessoal da vizinhança. E aí devia ganhar um dinheirinho. Pequeno, mas era o bico que ele fazia. E aí quando ele morreu minha mãe voltou a trabalhar na fábrica.

Mudou o regime da família. Porque ela trabalhava das cinco a uma da tarde.

Então quando ela saía, eu estava dormindo. Ia para a escola, voltava da escola.

Não! No início, ela trabalhava dois turnos. Devia ser das sete às onze, e depois da uma às cinco. Alguma coisa assim, dava oito horas. Então era mais ou menos isso. Mas depois passou das cinco a uma. Nesse período, quando eu voltava da escola eu tinha de fazer comida. Alguma coisa. Eu sou péssimo cozinheiro. Mas as coisas elementares eu deixava pronto. Lavar louça, lavar quintal, casa inteirinha. Essas coisas a gente fazia. Depois ela mudou. Durante um tempo eu almoçava na casa da vizinha da frente. Era uma espécie de pensão que a minha mãe pagava. Depois, passei a almoçar na casa de uma tia que era lá do bairro, mas era mais longe. E minha mãe também pagava uma pensão, um dinheirinho lá para essa minha tia. Então era mais fácil a coisa.

P/2 – Barelli, só uma pergunta, você teve que assumir responsabilidades muito cedo. Com a sua casa, você diz até que começou a trabalhar muito cedo. Como que foi isso para você? E queria saber também se você brincava. Como é que era essa, se você tinha atividades de criança mesmo.

R – Olha, a vila era um bom lugar, porque eu tinha muitos amigos da mesma

idade. Todo mundo trabalhava, os pais trabalhavam. Algumas mães não trabalhavam. Então era uma comunidade. E por eu ser filho único, tinha muitos brinquedos que os outros não tinham. Então o pessoal vinha muito brincar na minha casa. E o problema de limpar casa, essas coisas, era um negócio meio imposto mas meio aceito. Porque tinha de fazer. Alguém tinha de fazer. Então, uma faxina mais grossa minha mãe fazia. Mas limpar, varrer, essas coisas, fazia eu.

P/2 – E a escola, como que foi?

R – Escola. Primeiro eu estive no Grupo Escolar Amadeu Amaral. Ele existe até hoje. A gente ia a pé, ele fica no Largo São José do Belém. Saía da vila e ia uma turminha junto estudar. Eu, pelo que eu me lembro, eu me saí bem na escola.

Quando terminei o quarto ano eu fui tentar trabalhar numa escola profissional chamada Piratininga que era do governo, ali na Rua Piratininga. Uma espécie de SENAI [Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial]. Só que eles só aceitavam depois dos doze anos. Eu tinha onze anos. Então aí eu fiz o quê? Na época, o quinto ano era chamado Admissão. Foi a maneira de esperar para poder entrar. Porque a ideia, já na época, era: se você aprender uma profissão você vai ter chance na vida. Muitos dos meus amigos sequer terminaram a escola, já foram trabalhar. Aí não tiveram muita coisa na vida. O que foi mais longe foi um que foi fazer SENAI, então, conseguiu deslanchar. Bem, quando eu estava nessa Admissão os amigos meus me levaram para a Congregação Mariana de Menores, que tinha ali na Igreja São José do Belém. A gente frequentava ali. Tinha as reuniões normais, mas também tinha um esquema de jogos, pingue-pongue. E, na época, ali nessa região, principalmente no Belém, vários jovens passaram a ir para o Seminário, adolescentes. Um padre italiano, que era colaborador lá da paróquia, o adjutor, ele levou num dia toda a meninada para conhecer o Seminário de São Roque. E era uma maravilha o Seminário. Bem, para entrar naquela escola você precisava querer ser padre. Eu, para mim, tanto fazia, né? "Vamos entrar no Seminário". E foi, eu fui para o Seminário. Eu fiquei lá em São Roque seis anos. Onde eu fiz a parte referente ao ginásio e colegial. E fiquei um ano no Central do Ipiranga, que é onde eu fiz curso de Filosofia. Comecei curso de Filosofia. Que fez eu me diferenciar em relação ao pessoal. Porque eu tive uma oportunidade de educação mais aprimorada. Mas eu fui mesmo: "Olha, tudo bem,

vamos ser padre”. A minha mãe dizia: “Olha, toda profissão é boa. Lixeiro, mecânico, padre, o que quer”. Minha mãe não tinha muito a ver com religião. Quando eu fui para o Seminário ela passou a frequentar bastante a igreja. Agora, não tinha nenhuma motivação da família para ir para lá. Mas foi uma decisão que eu tomei. Foi muito bom para mim. Mas foi uma decisão muito apressada. Porque com doze anos você já dirigir toda a tua vida é uma coisa complicada.

P/2 – E de lá para, qual foi a trajetória a partir dali? Porque você chegou a fazer um curso superior. A fazer uma opção.

R – Eu comecei depois. Bem, quando eu saí o que eu queria mesmo era dançar. [risos] Porque aquela vida reclusa tinha coisa boa. Tinha futebol, vôlei, piscina, estudo, tinha muita coisa interessante. Foram bons anos os anos lá do Seminário de São Roque. Ora, quando eu saí, bem: “Eu não tenho mais nada a ver com isso”. O problema era ver como fazer. E aí não tinha muita orientação para onde ir.

Primeiro precisava ter uma fonte de renda. Então eu comecei a trabalhar como bancário em um banco chamado Banco de São Paulo que foi uma experiência boa. E aí fiz um cursinho para Engenharia, mas percebi que a base que eu tinha era muito ruim. Fiz, inclusive, com alguns amigos lá do próprio bairro: “Não, vamos, tal”. Então eu fui. Mas não tinha base para Engenharia. Não queria fazer Direito. Os outros amigos que tinham saído foram fazer Direito. Fiz um curso de Administração Racional do Trabalho, no IDORT [Instituto de Organização Racional do Trabalho], para ver como que se podia trabalhar em uma empresa. Aí descobri

que tinha faculdade de Administração. Fui atrás da FGV [Fundação Getúlio Vargas]. Era muito cara. Não tinha dinheiro para pagar a mensalidade. O que eu ganhava como bancário não era bom. Aí me falaram: “Olha, tem a Faculdade de Economia da USP.” Aí fui para Economia. Fiz o vestibular, passei. Passei bem. Se não me engano fui o quarto colocado no vestibular. Bem, e começou uma outra trajetória. Aí estudei Economia.

P/2 – Que ano você fez Economia?

R – Ahn?

P/2 – Só para situar, que ano...

R – Que ano que eu comecei lá? 1959.

P/1 – 1959.

P/2 – Você trabalhava nos bancários nessa época?

R – Eu trabalhava. Eu era bancário do Banco de São Paulo. E fui fazer Economia à noite, porque o banco era à tarde. Na época se trabalhava seis horas, mas era do meio-dia às seis. Então saía e ia para a faculdade. Começava às sete e ia até

de noite. Bem, na Economia, lá pelo meio do ano, começou um buchicho de que: “Olha, vai ter concurso no Banco do Brasil, vamos prestar concurso”. Eu disse: “Olha, Banco do Brasil? Eu quero ser economista, bancário já sou”. “Não, mas Banco do Brasil paga muito bem” Eu disse: “Olha, se paga mais pode ser uma boa coisa”. Mas não tinha essa. Eu faço esse depoimento para se ver como o pessoal das vilas operárias não tinham noção do que era o Banco do Brasil. Para outra classe social já era um negócio diferenciado. Pagava bem e tal. Então fiz o concurso e fui para o Banco do Brasil. Nem todos que me incentivaram a fazer o concurso passaram. Então aí comecei a trabalhar no Banco do Brasil. E um belo dia eu mudei o meu horário na faculdade da noite para o dia. Porque eu estava firme na política universitária, não dava para estudar à noite. Então passei a trabalhar no banco de manhã. No Banco do Brasil se entrava à uma, saía às sete, então dava para conciliar as coisas. É a outra trajetória.

P/2 – Você falou política universitária por quê? Você teve algum contato na universidade com algum movimento nessa época?

R – Logo de cara, no primeiro ano, quando houve a renovação do Centro Acadêmico, me convidaram para fazer parte da chapa. Se não me engano, foi chapa única. Não, tinham duas. Então eu comecei já no segundo ano. Tinha lá um “carguinho” no Centro Acadêmico. Mas, na época, um movimento forte na universidade era a JUC [Juventude Universitária Católica]. E o pessoal que era da JUC, na economia só tinha um, que chamava Pedro Calil. E ele queria ampliar o grupo dele, porque não podia fazer equipe, a JUC tinha equipe. Então vivia dando em cima de mim: “Olha, vamos participar, vamos não sei o quê.” Até que quando a gente conseguiu um grupinho maior eu comecei a participar. E aí a JUC foi uma coisa importante no movimento estudantil. Eu fui da equipe regional da JUC que fazia a coordenação do movimento estudantil universitário em todo o estado de São Paulo. Os economistas não tinham vez no Brasil. Os economistas começaram a aparecer na década de 1960. Um grande ícone nosso era o Celso Furtado. “Olha, dá para você consertar o Brasil. Vamos planejar. Tem isso, tem aquilo.” Bem, e dentro da JUC teve um Congresso do qual eu participei em 1960, chamado Congresso dos 10 Anos. Eram 10 anos de JUC, onde pontificou uma turma da Universidade de Minas Gerais, e eles passaram a ser grandes líderes

nossos. Um era o Betinho [Herbert José de Souza], que era sociólogo. A faculdade lá era de Economia e Sociologia. O Betinho, o Aldo Arantes. O Aldo Arantes fazia Direito no Rio [de Janeiro], mas estava nesse grupo. Tinha o Paulo Haddad que era economista. Ele foi ministro comigo também. É um cara especialista em economia regional. Bem, tinha um grupo. A ideia dos 10 anos era discutir a realidade brasileira. Foi uma coisa que envolveu muito e levou todo esse pessoal que militava na JUC à uma posição política. Que depois vai desembocar nas chamadas Reformas de Base. Então essa fase é uma fase muito rica. Essas transformações, embora por um ano na vida estudantil, é uma geração. Porque passa logo o nosso tempo de universidade. Mas o pessoal que foi para o Congresso dos 10 anos, quando voltou disse: "Nós precisamos aqui fortalecer a nossa base de economistas". Porque havia uma certa rivalidade nesse grupo, que era o pessoal da [Faculdade de] Medicina e [Faculdade de] Engenharia. "Nós não entendemos muito o que aqueles mineiros falam, mas eles estão falando coisas no caminho. Nós precisamos pensar essas coisas aqui." Aí procuraram muito o Calil e a mim para sermos os fundadores de uma série de discussões e documentos sobre o Brasil, os gargalos de desenvolvimento do Brasil. Daí que cresceu o chamado movimento político dentro da JUC. A partir daí nós começamos a disputar eleições também na UEE [União Estadual do Estudantes], no DCE [Diretório Central dos Estudantes], essas coisas todas. E nós éramos maioria. Nunca o interior tinha tido vez. No interior o pessoal dizia: "O que vale é São Francisco [Faculdade de Direito do Largo São Francisco] e Poli [Escola Politécnica da Universidade de São Paulo]. [Universidade Presbiteriana] Mackenzie é reação. Tinha um pouco as meninas lá do [Colégio] São Bento." O pessoal do interior não valia muito. Aí nós começamos. Porque nos congressos da JUC a gente apresentava documentos sobre a situação brasileira, análise de conjuntura. E o pessoal ia se engajando, era um momento muito rico na política nacional. Os estudantes estavam tomando a frente da movimentação. Era uma geração que tinha de fazer alguma coisa. Eu me lembro, por exemplo, quando houve a renúncia do Jânio [Quadros], houve um movimento sério de, bem, "Como fazer? Foi dado um golpe. Como que a gente refaz a democracia?". Então as reuniões que a gente fazia, todas escondidas, pensando em como tomar posições. Eu me lembro de uma dessas reuniões que o Plínio de Arruda Sampaio que tinha

sido de JUC, foi chamado para falar. E ele disse que em "1900 e antigamente", devia ser 1955, o Padre Lebrecht disse para a geração dele: "Vocês têm cinco anos para estarem preparados para tomar o poder no Brasil". E era 1961, tínhamos perdido. Então fiquei com aquela coisa na cabeça. Bem, houve a solução de conciliação no caso do Jânio, mas o movimento estudantil estava cada vez mais forte. O Jango [João Goulart] com as posições, "uma no cravo, uma na ferradura", que ele tinha. Mas que permitia grandes discussões. Pelo nosso lado, nós começamos a perceber que: "Olha, a política não é uma coisa confessional. Então nós temos que ter um partido". Foi daí que surgiu a chamada Ação Popular, um agrupamento que nasceu desses militantes. Uma parte grande eram os que tinham participado e participavam ainda da JUC. Outros eram pessoas que não aceitavam tranquilamente as coisas do Partido Comunista e eram de esquerda. Então a Ação Popular foi essa experiência que estava começando a se afirmar mas acabou tendo de enfrentar a ditadura dos militares. Aí ela passou por transformações. Uma parte praticamente saiu. Porque quando ela chamou-se Ação Popular Marxista Leninista foi um divisor de águas e uma parte foi para o PCdoB [Partido Comunista do Brasil]. Foram transformações. Mas aí eu já tinha saído da faculdade. Então a questão importante foi essa militância. O José Serra era um jovem da Politécnica, ele conta isso no livro que ele fez quando saiu para ser presidente. No ano que ele assumiu na UEE a vez era minha. Só que eu, quando foi feito o conchavo das lideranças, eu disse: "Olha, vocês estão loucos. Eu trabalho, minha mãe é viúva, vocês querem que eu largue o Banco do Brasil? Não vai dar para ficar trabalhando e sendo presidente da UEE. Então vamos escolher. Vocês escolhem outro aí que eu vou continuar trabalhando no movimento estudantil mas não preciso de cargo para isso".

Aí surgiu, o pessoal da Poli e apresentou o José Serra que era desconhecido. Nós ganhamos. Depois eu fiz a campanha dele para presidente da UNE. Então teve uma transformação. Mas esse movimento todo ele foi derrotado no golpe militar. Durante o tempo da faculdade, eu tinha me especializado em crédito rural. No Banco do Brasil eu trabalhava na Carteira de Crédito Agrícola Industrial. Então era um negócio mais interessante do serviço bancário. Mas a ideia era: "Olha, nós precisamos de alguém na área de crédito industrial para SUPRA", que era

Superintendência de Reforma Agrária. Então eu estava precisando me formar para poder ser contratado pela SUPRA. Só que a minha formatura foi marcada para o dia primeiro de abril de 1964. Tinha um carro de combate na frente da faculdade. Não houve e também eu não fui procurar a SUPRA, porque o presidente foi preso naquele movimento. Depois houve o INCRA [Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária], mas já dentro de um outro contexto. Não em um contexto de reforma agrária como a gente pensava.

P/1 – Está ótima. Deixa eu voltar só um pouquinho. Pegar um pedacinho do movimento estudantil, uma coisa que passou batida mas é uma curiosidade aqui da gente. Por que Economia?

R – Por que Economia? A faculdade era Ciências Econômicas e Administrativas. Eu fui procurar Administração de Empresas na FGV. Porque eu achava: “Olha, como não vai dar para ser engenheiro, uma coisa próxima”. Eu não queria Medicina, não queria Direito. Administração de Empresas era uma coisa charmosa que estava surgindo. “Então eu vou fazer Administração de Empresas”. Só que entrei na Faculdade de Economia e Administração. Fiz um bom curso de Administração, de Introdução à Administração, outro de Introdução à Economia, que eram matérias do primeiro ano. Mas logo em seguida veio essa visão política pela JUC. Da chamada "realidade brasileira". Você se dedicar a estudar o Brasil e saídas para os problemas do Brasil. Tinha de ser Economia. Quando eu entrei o título que eu receberia seria de Ciências Econômicas e Administrativas. Teria os dois. Só que quando eu passei para o terceiro ano houve uma reforma do currículo e passou a ter dois anos básicos, dois anos de Economia, dois anos de Administração. E eu já fui para Economia, não era mais Administração o que eu pensava.

P/1 – Sobre o movimento estudantil. Nessa trajetória do movimento estudantil, você lembra, porque você começou lá na faculdade, você começou a participar da JUC, e várias outras atividades. Mas teve alguma atividade que tenha sido marcante para você? Uma Assembléia, alguma coisa, que você lembre?

R – Teve muitas, né?

P/1 – Uma que...

R – Por exemplo, a greve de um terço. Foi uma greve nacional que a UNE fez ainda na gestão do Vinícius Caldeira Brant ou era do Aldo Arantes, não sei. A

minha faculdade era uma faculdade conhecida como “de direita”. Mas resolvemos parar. Foi uma grande dificuldade. Aí, houve um debate na faculdade sobre reforma universitária. Os debatedores eram o Paulo Singer e o Delfim Neto. Cada um dizendo do seu lado. O Singer defendendo a reforma e o Delfim dizendo que a reforma era marxista. Aí eu me levantei e disse: “É marxista coisa nenhuma”. Aí o Delfim me “sinucou”: “Mas, o que é marxismo?” E era muito para um jovem como eu dar uma aula ali. O Delfim consegue fazer isso muitas vezes. Isso marcou, porque eu não tinha elementos para retrucar. Teve muitas coisas marcantes.

P/1 – Você falou greve de um terço. O que quer que é?

R – A greve de um terço foi uma greve. Você nunca tinha ouvido falar?

P/1 – Não. Não é terço... [risos]

R – A ideia na reforma universitária é que você devia ter: um terço de alunos, um terço de professores e um terço de sociedade civil [nos órgãos colegiados]. Então nós alunos queríamos ter uma representação de um terço. Por isso chamava Greve de Um Terço. E foi longa a greve. Não dava para continuar a greve indefinidamente. Mas foi um grande movimento sobre reflexão, sobre universidade. Foi importante.

P/2 – Eu queria te perguntar, uma coisa que para mim passou meio batido, por que é que te despertou interesse de participar do movimento estudantil? Por que você foi chamado pela JUC?

R – Dentro da JUC aquela coisa só religiosa não me interessava muito. Mas quando entrou a coisa social, política, aí mexeu com coisas que eu gostava.

P/2 – E você teve alguma situação anterior da sua infância, ou mesmo da sua juventude anterior que tenha te despertado atenção pelos movimentos sociais?

R – Não, não que eu me lembre. A gente tinha o nosso grupinho, mas não era pensado socialmente. Porque era time de futebol, time disso, daquilo. Não entrava a questão política. A questão política, inclusive, não era muito cultivada nem na minha família, porque como minha mãe era estrangeira ela disse: “Não dá para se meter nisso. Tome cuidado”. Meus primos, meus tios também iam na onda.

Político que na época da eleição era aquele político que se apoiava. Mas não tinha nada disso. E no Seminário também a questão política não era muito colocada não. Não tinha grandes disputas. A ideia : “Olha, esse é um terreno...” Não se

discutia muito a questão política. Teve coisas, quando morreu o Getúlio Vargas, que vou contar o que aconteceu. Quem era aquele Carlos Lacerda. Essas coisas se falavam lá mas não se fazia proselitismo. Não tinha essa coisa. Quando começou mesmo esse Congresso de 10 anos, foi um negócio que mudou muito a igreja brasileira. Mexeu com os outros movimentos: JOC [Juventude Operária Católica], JAC [Juventude Agrária Católica], JEC [Juventude Estudantil Católica], mas quem tinha começado tudo era a JUC. E, depois, a coisa foi avançando, chegou na Teologia da Libertação, essas coisas mais recentes.

P/1 – Enquanto você estava estudando, você já estava no banco?

R – Estava.

P/1 – 1960, 1961 você já estava no banco?

R – Não, eu entrei no banco em 1957.

P/1 – 1957.

R – Eu saí do Seminário, primeira coisa foi arrumar um emprego.

P/1 – Sim.

R – No final do ano comecei a trabalhar. Em 1959 entrei no Banco do Brasil, fiquei até 1966 quando eu vim para o Dieese.

P/1 – Porque nessa época de 1959 a 1966 também teve um movimento muito forte, bancários no movimento sindical. 1961, é, que você falou do movimento estudantil mas eu estava pensando em termos do movimento sindical.

R – É, os bancários tiveram movimentos fortes em 1952, 1953, 1954 que inclusive estão na origem do Dieese, com Salvador Romano Losacco, que foi o primeiro presidente do Dieese. Em 1961 houve uma greve grande, em que eu apareço nas assembleias sindicais. Eu já era a pessoa que estava cuidando da parte sindical do movimento, dentro de uma equipe política da JUC. “Não, você está trabalhando então você vê essa questão de sindicalismo.” Então fui para o meu sindicato que era o sindicato dos bancários. Os outros também iam para as outras assembleias sindicais. Houve um movimento grande também em 1961, que foi no Estádio do Hipódromo, na Mooca. Vários sindicatos que fizeram greve juntos. E a versão dos que foram até lá era a seguinte: “Monte de pelegos, os trabalhadores queriam continuar a greve”. E ele breparam, encaminharam o movimento para a conciliação. Foi o que passou lá. Na assembleia dos bancários, eu percebi

também um movimento contra a continuidade da nossa greve. E nós não tínhamos conseguido aquilo que queríamos. Aí, foi feita uma votação em frente ao prédio Martinelli e ao prédio do Banco do Brasil, no começo da Rua São João. Lá tinha um andaime e o presidente do sindicato, a tendência dominante era ser do Partido Comunista, subiu e deu vitória para um lado. Eu estava do outro lado, com um grupo de pessoas que também eram bancárias e eram da JOC. Houve uma revolta, quiseram “pegar” ele, alguns chamavam ele de pelego. Muitos querendo rasgar a carteirinha do sindicato. Alguns diziam: “Nunca mais!” Então a gente começou a organizar dizendo: “Olha, não é assim, vamos no Última Hora”, que era o jornal que falava das causas populares. “Vamos lá e colocamos nossa posição.” Então fomos em grupo. Daquele grupo que tinha perdido a votação, nem todos foram. A Última Hora ficava ali, praticamente embaixo do Viaduto Santa Ifigênia, não era muito longe. Se não me engano é onde hoje fica o metrô. Aí, chamamos lá um redator para contar as coisas. E aí um vereador, acho que se chamava, tinha nome de passarinho. O apelido dele acho que era Bem-te-vi, um nome assim.. Usava uma gravatinha, começou falar. Eu disse: “Mas esse cara não tem nada a ver conosco, por que ele está usando o nosso movimento?” Aí, pela primeira vez eu falei em público. Gaguejei para burro: “Olha, não é nada disso. O nosso movimento é de bancários. Não é para nenhum aproveitador”. E foi aí que comecei uma carreira, não continuada, de dirigente sindical. Porque a partir dali eu comecei a brigar na assembleia dos Bancários. E tem umas glórias. Porque não foi só essa greve. Essa foi onde aconteceu isso. Mas aí a obrigação era continuar a fazer sindicalismo nos bancários. Eu era da Agência Luz, onde tinha um tesoureiro, que é um cargo importante no banco. Em uma agência, na época, o tesoureiro era importante, ele era do Partido Comunista. Um “burguesão”, mas comunista. E disse que se eu aparecesse no sindicato ele me jogava do prédio Martinelli para baixo. Até que entrou um pessoal do “deixa disso”. Eu fui para o sindicato e não houve nada. Mas a partir daí eu fiz a Comissão de Banco da Agência da Luz. E a Luz tinha uma coisa importante, tinha um hallzinho que levava para a ABB [Associação Banco Brasil]. Que funcionava ali na cidade, não tinha ainda lá na Estrada de Itapeverica. Então, antes de cada assembleia, eu reunia o pessoal, qual a posição da Luz na assembleia. E eu falava a posição da Luz na Assembleia. E a nossa glória foi que quando decretou greve, a Luz não

precisou de piquete, porque todo mundo parou. Aí, nós fomos parar o Banco de Crédito da Amazônia, que não tinha a mesma força que a gente. A nossa era uma agência, isso em 1963, enquanto o movimento sindical só foi parar, por consciência, nas fábricas em 1978. Aí começou a parar essa agência, eram 100 pessoas, era mais fácil. Tinha boas condições, muita amizade, a maioria era gente nova, era uma agência nova. Então, nós fizemos essa proeza, que aqui eu estou exaltando.

P/1 – Você falou que você tinha começado uma carreira de dirigente sindical que não continuou? Até quando você ficou assim, no movimento sindical?

R – Não, eu continuei trabalhando na Luz. Eu ia para a SUPRA, mas depois do golpe, pensei: “O que é que eu vou fazer? Vou ter de procurar um emprego, vou ver quando surge alguma coisa interessante”. Então eu continuei no Banco do Brasil. Nós organizamos um “Grupo dos 11” no Banco do Brasil, que era a resistência do Leonel Brizola nessa agência. Tudo secreto, ouvindo a “Voz da Legalidade”, tentando ver o que acontecia com o Brizola e o João Goulart, que estavam no Uruguai, para ver se voltava a democracia no Brasil. Então tinha essa militância.

Já que eu não percebia onde trabalhar com gosto, fui fazer pós-graduação em Sociologia do Desenvolvimento com o Octavio Ianni, lá na USP da Rua Maria Antonia. No final do primeiro ano, tinha que apresentar uma espécie de monografia, e eu tinha gostado de uma aula que ele havia falado de inflação e salário. Então eu fiz um trabalho chamado: “Inflação e Reivindicações Trabalhistas”. Nesse período, eu acho que é importante também, eu e um outro economista da minha turma, que era da agência Ipiranga, nós estudávamos de manhã. Revíamos economia, porque aquilo que a gente tinha aprendido na escola nos pareceu insuficiente. A gente precisava continuar estudando, por isso, nós dois nos reunimos para estudar. E se aprofundar em Economia. E como nós dois éramos do Banco do Brasil, nós guardávamos uns livretos com a lista de preços da Cooperativa dos Funcionários do Banco do Brasil. O nosso raciocínio era: “O Dieese está fechado, mas um dia ele vai voltar. E ele vai precisar recuperar a série de preços. Então pelo menos uma parte da série de preços nós temos aqui”.

Então, todo mês a gente guardava, e a ideia era oferecer para o Dieese. Voltando à parte anterior: fazendo esse negócio eu descobri que o Dieese tinha voltado a existir. Fui procurar dados do Dieese no Sindicato do Gás, que era onde o Dieese estava. Peguei uma série de dados e fiz um trabalho, que o Octávio Ianni gostou muito e publicou na chamada Revista Civilização Brasileira, que era uma revista de esquerda permitida, mas que avançava pelas coisas importantes do Brasil. Ele apresentou o trabalho para o Enio Silveira, e foi publicado na revista. Eu levei este trabalho para a Heloisa Martins [Heloisa Helena de Souza Martins], e disse: “Olha, o Octávio Ianni elogiou e vai publicar na revista. Eu peguei os dados no Dieese e olha o que eu fiz”. Ela disse que estava fazendo uma seleção para economistas. Eu disse: “Então me bota nisso”. E aí eu entrei para o Dieese através desse convite que a Heloisa fez. Mas, em seguida, eu fui pagar uma conta em um banco chamado Nacional do Comércio. Funcionava ali na Rua Boa Vista e no balcão estava o Salvador Tolezano, que foi presidente do Sindicato dos Bancários e morreu de uma morte estranha. Ele foi jogado com uma pedra em uma represa lá de Sorocaba. Ele foi fazer uma palestra lá em plena ditadura e foi assassinado. Hoje, é uma das mortes que mereceriam uma pesquisa maior. É o nome do Conjunto dos Bancários no Mandaqui, Conjunto Salvador Tolezano. Mas o Tolezano disse: “Ô, Barelli, estamos fazendo uma chapa para concorrer no sindicato. Vamos tirar a junta interventora, vamos fazer uma chapa. Dá para a gente ganhar. Você não quer entrar?” Eu disse: “Puxa, você devia ter me falado na semana passada”. Porque eu tinha acabado de dar baixa na minha carteira. Então já não era mais bancário.

P/1 – E você começou a falar do Dieese. Então um pouquinho antes, como é que você ficou sabendo do Dieese? Qual a ideia que você tinha antes? Como que você descobriu o Dieese?

R – Olha, o Dieese é de 1955. E a Lenina [Pomeranz], que foi diretora, foi uma das minhas professoras. Na época eu acho que ela não estava no Dieese. Mas como eu militava no Sindicato dos Bancários, sempre que tinha campanha salarial se falava do Dieese. Já tinha a Revista de Estudos Sócio-Econômicos do Dieese, cujos artigos eu acabei lendo. A gente valorizava o Dieese. Não sabíamos direito o que era, mas era da área. Tanto que eu e o Aldino, aquele outro economista que foi do Banco do Brasil, e que junto comigo guardou os preços da cooperativa para o Dieese, não tínhamos a ideia de trabalhar no Dieese, mas sim de resgatar a memória. Mas aconteceu de a gente acabar trabalhando no Dieese.

P/1 – E você lembra como que foi o seu ingresso? Você lembra o dia? Do dia que você entrou como que foi?

R – Olha, eu comecei no Dieese em dezembro de 1965. Só que fui registrado em novembro de 1966, porque estava indo para uma instituição pequena. Teria uma redução salarial indo para o Dieese. Saía de um emprego razoável, mas queria completar o salário através do ensino, o que depois eu consegui. Uma das coisas boas do Banco do Brasil eram os planos de Previdência. Então eu gostaria de ter ficado no Banco do Brasil como contribuinte da Previ. Por isso que eu eu passei a trabalhar apenas um dos trinta dias do mês, por que assim não era considerado abandono de emprego. Eu trabalhava um dia e faltava nos seguintes, esperando uma resposta do Banco do Brasil sobre eu continuar nos planos de Previdência do Banco do Brasil, contribuindo por fora. Só que a resposta veio negativa. Quando veio negativa dei baixa e fui para o Dieese. Acredito que foi dezembro de 1965.

P/1 – Onde que funcionava o Dieese?

R – Funcionava lá no Sindicato do Gás. Era uma entidade pequenininha, tinha além das pesquisadoras, acho que eram duas, tinha a Heloísa [Martins], a Mariana, o Rubens [Ramacciato], uma espécie de tesoureiro-contador, e o Fernando que era o boy. Aí entrei eu. Inicialmente me deram a tarefa de contar ofertas de emprego. Depois para fazer análise de balanço. O grande problema que teve, logo que entrei, é que houve uma assembleia sobre o Fundo de Garantia. A Heloísa fala um pouco sobre isso no depoimento dela. Ela foi lá e o pessoal não gostou do que ela falou. Então foi complicado. O Dieese tinha uma rotina e a gente foi caminhando com ela. Depois, aos poucos, a gente foi também encontrando novos trabalhos para o Dieese. Escrevi um trabalho, explicando a

política salarial, e o Estadão publicou nos cadernos de anúncios. Na última página desse caderno eles sempre publicavam artigos grandes. Então eles publicaram esse meu trabalho com uma notinha: “Não concordamos com tudo o que está aí mas não deixa de ser uma discussão, mostrando novos rumos que o sindicalismo está tomando”. Coisa por aí. Foi daí que o Dieese começou a trabalhar a questão da política salarial que até então não fazia. O movimento sindical queria que o Dieese fornecesse um atestado, que a Heloisa dava, de quanto tinha subido o custo de vida. E era bem burocrático: “Atesto que no período de x a y o custo de vida da classe trabalhadora na cidade de São Paulo subiu 10 por cento e 11, vírgula 11. 10 inteiros e 11 centésimos. Então o Tribunal usava essa linguagem. Aí a gente começou a mudar, dizendo: “O trabalhador perdeu tanto, então ele precisa de tanto”. E foi, não sei como é hoje, mas foi uma época importante porque dava rumo para todas as campanhas salariais.

P/2 – Eu queria te perguntar como que era o clima de trabalho dentro do Dieese nesse comecinho? A Heloisa era diretora técnica, como que era assim a relação com ela? Clima de trabalho mesmo?

R – A relação entre as pessoas no Dieese era tranquila, afinal éramos apenas três pessoas. Eu me lembro da Heloisa, ela trazia um pão recheado com não sei o quê, que era o almoço dela. Ela namorava o José de Souza Martins, que era meu colega de pós-graduação. A Mariana trazia uns quibes gostosos que a mãe dela fazia. Lembro das coisas pela culinária. O relacionamento era bom. Não tinha grandes discussões. A Heloisa falava muito do Aziz Simão e do Albertino [José Albertino Rodrigues], falava o que eles faziam e outras coisas. E eu não conhecia nem um, nem outro. Uma das coisas que começou a diferir é que eu entendia como o dirigente sindical agia. Sabia mais ou menos como ele se posicionava. Então, eu tinha mais facilidade de diálogo do que a Heloisa, por ela ser a diretora. A Mariana fazia levantamento em todos os sindicatos, apesar de ser uma grande socióloga, o trabalho dela não era muito valorizado. Mas quando precisava fazer um balanço era ela que apresentava todos os dados. Era bom. Para mim, a impressão era boa. Mas ainda não era uma equipe, em que as pessoas possuíam uma prática comum. Isso estava se formando. A Heloisa e a Mariana sim, pois, vinham juntas, indicadas pelo Aziz Simão. Lembro que elas, principalmente

Heloisa, queriam discutir economia comigo e eu tinha lá os meus palpites. Mas, a Heloisa ficou pouco tempo, ela foi convidada para ser professora na Ciências Sociais [da Universidade de São Paulo]. Logo em seguida a Mariana também saiu. O fato de eu ter sido escolhido diretor técnico e ser mais novo no Dieese do que ela, pode ter sido a causa dela sair. Mas ela nunca verbalizou isso. Aí fomos contratando outros tipos de pessoas, que vieram.

P/1 – Como foi a escolha?

R – Olha, quem trouxe a Annez Andraus [Annez Andraus Troyano] foi a Heloisa. Lembro que ela disse: “Tem lá uma menina do Centro Acadêmico da Ciências Sociais que vamos trazer para o Dieese, nós estamos precisando de alguém”. Aí veio a Annez. Em seguida, veio a Cecília Comegno [Maria Cecília Comegno], que hoje está no SEADE [Fundação Sistema Estadual de Análise de Dados]. Ela era historiadora e socióloga e amiga da Annez. No início, os amigos foram trazendo os amigos. A Cecília assumiu uma parte do trabalho que eu fazia, o acompanhamento de ofertas de emprego. Em seguida, foi contratado um outro estudante de Economia, o Antonio, porque os trabalhos estavam começando a crescer. Nós estávamos começando a pesquisa de 1969, 1970. O Albertino tinha voltado e a Annez trabalhava como assessora dele, e o Antonio era uma espécie de factótum, “segurando a peteca” quando ela não estava. E aí tem um fato interessante: um dos desaparecidos, parece que se chamava Montenegro, foi levado lá para identificar as pessoas. Ele era pesquisador da pesquisa de 1969. Identificar as pessoas que tinham trabalhado com ele, coisas desse tipo. E chegaram lá perguntando: “Mas quem responde pelas coisas aqui?” O Antonio: “Sou eu.”. Ele disse: “Não, eu sou então do Dops, eu quero isso, isso, isso, isso”. O cara gelou. Mas isso é história que o Mauricio deve ter repetido nos depoimentos dele. Ele lembra bem. E o Antonio era muito amigo do Mauricio. Mais tarde, vieram dois economistas através do Sato [Ademar Sato]. Hoje o Sato é um monge lá em Brasília, um monge taoísta. O Sato começou a trabalhar no Dieese dando curso no Sindicato dos Metalúrgicos de São Paulo. E aí ele disse: “Tenho dois alunos bons”, ele era professor na Economia da USP, “que a gente precisa colocar no Dieese”. Então, “nos apertamos um pouco” e entrou o Mauricio [José Maurício Soares] e o César Conconne. Esses foram os que entraram nesse período de formação de uma nova equipe, vamos dizer. Logo depois, o Antonio

saiu porque casou com uma professora em Bauru e mudou-se para lá. Os outros continuaram e foram praticamente a base do Dieese até 1990.

(FIM DO CD 01)

P/1 – Então, duas questões. Uma primeira, quando você assume o Dieese que tipo de mudanças que foram incorporadas de uma fase, logo que você assumiu, né? E a relação com os dirigentes sindicais, como que passou a ser essa relação do Dieese com os dirigentes sindicais?

R – Para fazer política e, principalmente, fazer nucleação, a gente precisa descobrir o que motiva as pessoas. No movimento universitário, normalmente, era o restaurante. Se tinha comida estragada ou coisas desse tipo. Aí dá para você fazer uma bela greve. A mesma coisa acontecia no movimento sindical. Apesar de tudo ser proibido, os sindicatos conseguiam unir trabalhadores sempre que pensavam nos problemas concretos que eles tinham. E isso vinha do trabalho de ação católica, que a gente sabia como ir no ponto e organizar uma atividade a partir do ponto. E era por aí que tinha que acontecer também no movimento sindical. Tinha uma pessoa que acompanhou muito o nosso trabalho, eu sempre o chamei de “meu professor” O neto dele está no Dieese hoje. Trata-se do Miguel Huertas. Ele era um dirigente sindical diferenciado. Acreditava no Dieese e dava dicas para a gente: “Olha, nós vamos precisar disso... O problema é esse, é aqui que é a nossa ação... É assim que se faz...”. E mostrava exatamente esses “pontos”. A forma de trabalhar foi sempre descobrir onde o “calo doía”. Para mim, era mais fácil por causa das assembleias sindicais que eu tinha participado. O Miguel mantinha cursos no Sindicato dos Metalúrgicos e eu era um dos professores, a Annez era outra e o Sato também. Lá, a gente percebia como devia transmitir em uma época em que não se podia abrir a boca, afinal era ditadura militar e havia a possibilidade de ser preso a qualquer momento. “Como andar nessa corda bamba?” A nossa discussão era por aí. A Annez tinha uma militância política forte, diferente da Heloisa e da Mariana que não tiveram essa experiência. A Annez vinha da Polop [Organização Revolucionária Marxista Política Operária], um grupo forte na [Faculdade de] Filosofia [da Universidade de São Paulo]. Ela sabia distinguir as coisas. A mesma coisa acontecia comigo, depois de toda a história que eu contei para vocês. Eu acho que isso facilitou. E facilitou também

porque o César além de ser estudante de Economia, era químico e já tinha trabalhado muito dentro de empresa. Ele tinha uma outra visão e entendia os problemas de um ambiente de trabalho. O Mauricio trazia uma outra vantagem, por ter participado em movimento de alfabetização popular, ele aprendeu como falar com o trabalhador. Então éramos um grupo que, precisávamos estar unidos porque estávamos no mesmo barco, se caísse um iriam cair todos. Por exemplo, o Sato, deu um curso e distribuiu uma apostila. Na apostila ele fez uma pirâmide social em que desaparecia a classe média e passava a ter apenas patrões e operários. Apesar de todos os cuidados, a apostila foi cair na mão do DOPS [Departamento de Ordem Política e Social] que veio prender quem tinha dado o curso. A sorte foi que o Joaquinão [Joaquim dos Santos Andrade], disse: "Não, o curso quem deu fui eu". Eles ainda falaram: "Não, mas tinha essa apostila". "Mas quem dá os cursos aqui sou eu." Ele discutia com o pessoal, pois tinha as "costas mais quentes". Isso acabou salvando o Sato, mas indicando para nós uma das coisas que o Miguel Huerta dizia: "Falar, você pode falar tudo. Escrever, você não pode escrever nada". Por exemplo, você ia dar um curso sobre "mais-valia", você ensinava o que era mais-valia, mas não escrevia. Porque isso poderia ser visto como doutrinação. Isso tudo era uma formação constante. Você levava uma cabeçada aqui, outra ali. Outra coisa que eu trouxe da JUC era a questão das reuniões. A gente se reunia, trocava ideias, fazia a avaliação das coisas: "Olha, está certo assim. Para onde a gente vai, para onde não vai". O trabalho em equipe foi uma marca importante, aproximava todo mundo. Não tinha ali quem era menor ou maior que o outro. Era o grupo. E isso foi uma coisa que funcionou durante muito tempo no Dieese. E foi responsável pela construção da espinha dorsal do Dieese. Havia uma ideia que era: "Quem faz política é o dirigente sindical, a gente faz o que o sócio quer". Mas nós sabíamos que estávamos fazendo política, e como o termo deveria ser falado em cada momento. Por exemplo, a esquerda tinha muito os seus chavões. A gente fugia dos chavões. Eu falei aqui: "mais-valia". Mas só falava em "mais-valia" se alguém levantasse no grupo. E se militantes de organizações de esquerda, falassem o que era "mais-valia", a gente dizia: "Isso que eu estou chamando de lucro é o que você está chamando de 'mais-valia'. Porque, lucro era light. Então a gente podia passar os conceitos importantes sem fazer de uma maneira que colocasse em risco o aluno e o departamento também. Foi assim que a coisa se deu.

P/1 – Quando você assumiu a direção técnica, em 1968, aconteceu o MIA [Movimento Intersindical Antiarrocho].

R – Sim

P/1 – Como é que foi o papel do Dieese nesse processo?

R – Olha, o Dieese teve um pouco de influência porque ele estava começando a mostrar as perdas que os trabalhadores tinham. E todas as categorias tinham as

perdas. Agora, o MIA] foi uma pausa na transição brasileira. Foi importante o cara que era presidente dos Bancários na época. Foi o que começou. Depois quem ficou responsável foi o Joaquinção, mas o movimento foi congregando as pessoas porque estava na hora de mudar aquela política salarial. Ter um outro tipo de comportamento. Mas ao mesmo tempo estavam surgindo as reações dentro das fábricas, alguns movimentos, muita gente foi presa. Só nos arquivos do DOPS a gente vai poder reconstituir essa história.

Mas, por exemplo, estava surgindo o Zé Ibrahim [José Ibrahim], no Sindicato [dos Metalúrgicos] de Osasco. Eu esqueço o nome do cara dos Bancários. Os funcionários dos Bancários eram da chamada Oposição Bancária. Ou seja, contra a direção. A direção era do Partidão [Partido Comunista Brasileiro], em geral, uma das correntes do Partidão. Mas com todo o jeitão de trabalho sindical, sem se expor demais, buscando uma posição de começar a mudança. Aí se organiza o Primeiro de Maio na Praça da Sé, em frente ao Fórum João Mendes Junior. O Sodré [Abreu Sodré] era governador e queria "aparecer". E o movimento sindical, naquela ideia de conciliação de classes: "Não, é bom que ele vá, por que dá respaldo para o que a gente vai fazer." Foi feito lá um palanque, uma concentração, para comemorar o Primeiro de Maio. Lá pelas tantas, começam a agredir o pessoal do palanque. Jogar pedras, paus. Foi uma radicalização da oposição sindical, os grupos que estavam ali e a Bancária e o grupo do Ibrahim, que foram os que mais apareceram. E com situações engraçadíssimas. Tinha surgido um dirigente sindical novo, que era um médico, puxa vida, ele era do tal do Senalba [Sindicato dos Empregados em Entidades Culturais, Recreativas, de Assistência Social, de Orientação Profissional]. .

[risos]

P/1 – Continuação depoimento Walter Barelli.

R – Esse médico, tem um filho que foi vereador do PT em Santos. Tinha descoberto o sindicato e era o cara que estava dentro do MIA propondo: "Vamos agora reconstruir o movimento sindical". Mas os filhos dele estavam xingando e jogando pedra nele porque ele estava no palanque no Primeiro de Maio. Quer dizer, havia um grupo de dirigentes achando, podia-se fazer uma transição ou coisas desse tipo. E um outro grupo que dizia: "Não, precisamos radicalizar".

Depois do Primeiro de Maio o pessoal [do primeiro grupo] sai do palanque, vai para o Sindicato dos Metalúrgicos, continuar a fala de alguns. O grupo com o Ibrahim, o pessoal da Oposição Sindical Bancária, saem pela Rua Direita, vão até o Citibank, vão quebrando vidros, coisas de banco. O Vandré [Geraldo Vandré], que tinha ganho o Festival com a música "Para não Dizer que não Falei das Flores" [e que era crítico ao poder], vai à tarde hipotecar solidariedade ao governador. Mas, isso é uma outra história. No Primeiro de Maio anterior, repeti uma palestra em que mostrava as diferenças entre o Brasil como colônia de exploração versus uma colônia de povoamento, como foi os Estados Unidos. O velho esquema do Celso Furtado. E a partir dali, dava para o pessoal entender o que estava acontecendo com as fábricas, como foi a vinda da indústria automobilística para o Brasil. Era uma história econômica, de preparação para a política. Eu já tinha feito isso em ambientes de Congresso de Metalúrgicos. Em um ano que não ia ter comemoração, o Sindicato dos Metalúrgicos de São Paulo me convidou para fazer essa palestra para o Primeiro de Maio. Não falei do Primeiro de Maio em si, mas da formação econômica do Brasil, da formação do proletariado, essas coisas. Sempre com muito cuidado. Nada disso foi motivo de intervenção em sindicato. Acho que o movimento sindical estava meio morto, e uma pessoa do Dieese vai lá e faz uma palestra, acho que o governo não ficou preocupado. A principal comemoração sempre era no Sindicato dos Metalúrgicos. E a principal foi essa que eu fui o protagonista. Na hora eu não percebi nada disso. Eu estou falando agora, contando a história, mas eu não tinha consciência da coisa. É importante para as memórias.

P/2 – Posso fazer uma pergunta? A gente tem conversado com muita gente do Dieese, especialmente gente mais recente. E o que as pessoas falam é que o Dieese teve uma visibilidade muito grande, depois da denúncia de manipulação do índice em 1977, né?

R – Isso foi em 1976, né, o índice foi em 1973.

P/2 – E como era o reconhecimento do Dieese antes disso, dessa época, o reconhecimento social?

R – Olha, pela esquerda ele era bem visto. Algumas vezes: “Quem é aquele cara lá? Será que ele é da CIA?”. Tinha essas possibilidades. No ambiente universitário era tranquilo também. Entre os trabalhadores era crescente porque aprendemos a

falar a linguagem que ia bem nas assembleias. Na imprensa sindical ele tinha espaço, sempre. E tinha também a imprensa sindical dos "jornalões". A coluna sindical da Folha [Folha de São Paulo], do Última Hora e do Estado [O Estado de São Paulo]. O Estado, um pouco menos. Mas, o Estado sempre publicava o nosso índice de custo de vida. O Dieese tinha respeitabilidade porque as empresas precisavam de parâmetros, então, ou elas faziam o seu próprio índice de custo de vida, ou usavam o índice de quem fazia, que era o movimento sindical. As empresas vinham comprar aqui, vendíamos o índice numa folhinha de papel por algo equivalente a dez reais. Isso era uma coisa importante. Sobre a questão da manipulação dos índices de inflação ocorreu o seguinte: o Banco Mundial publicou algumas tabelas dizendo: "Olha, para 1973 não usamos os dados oficiais mas uma estimativa que é a mais correta, e esses dados oficiais eram muito próximos do que o Dieese tinha publicado no ano, aí foi a glória, né? O Herbert Levy, que foi um político paulista de direita da UDN [União Democrática Nacional], depois da Arena [Aliança Renovadora Nacional], fundador da Gazeta Mercantil, fez um discurso na Câmara, dizendo o seguinte: "Então, aquele tal de Dieese estava certo?" Eu nunca tinha convivido com ele, mas depois disso ele sempre me tratava muito bem, porque é "aquele tal de Dieese" que tinha mostrado a verdade. E os militares é que estavam errados. E ele tinha uma "gana" com o Delfim Neto [Antonio Delfim Neto]. Porque quem manipulou os índices foi o Delfim Neto ou a turma do Delfim, não foi ele que fez. Bem, aí houve algumas coisas importantes. Estávamos no Governo Geisel [Ernesto Geisel] e o Mário Henrique Simonsen era o ministro que tinha apresentado para o Geisel um documento em que dizia: "Olha, teve problemas no índice de 1973, nós podemos fazer isso, ou isso, ou isso.", três hipóteses. E aí começou aquela briga. O movimento sindical, mais uma vez dividido. O primeiro que viu o negócio, falou: "Então se o índice estava errado, nosso salário está errado". Foi o presidente do Sindicato dos Bancários da época e em seguida o Lula [Luiz Inácio Lula da Silva], não sei se foi no mesmo dia, apresentou a sua opinião no seu jornalzinho. Todos os sindicatos começaram a pedir trabalhos para o Dieese. Nós fizemos aqui uma linha de produção. Porque o cara do Amazonas queria saber: "Quanto eu perdi?" O cara do Rio Grande do Sul, também. Foi um trabalho grande. E o Governo Federal tentou calar o movimento

sindical de uma forma mais nobre, buscando um diálogo. Então chamou uma reunião em um prédio da Av. Faria Lima, em que vieram o José Paulo dos Reis Velloso e o Mário Henrique Simonsen. Lá, a gente discutiu "o que era, como era, como não era". Mas acabou não dando em nada. Mas ficou aquilo presente e quando estouraram as greves em 1978, tinha lá essa perda, que era uma das perdas, mas não foi a única. Os trabalhadores foram perdendo continuamente, em termos de política salarial. Enquanto durou a política salarial, praticamente, sempre houve perdas. Eu falei que o movimento estava dividido. Porque o Joaquinão, abriu um processo na Justiça Federal reivindicando as perdas. E o Lula, que estava surgindo como líder sindical autêntico, disse: "Não, nós não vamos entrar com processo, nós vamos recuperar isso ao longo do tempo. Nós vamos recuperar os 34,1% que era para o Sindicato dos Metalúrgicos de São Bernardo nas nossas campanhas salariais". Só que ele esqueceu. Ele é presidente, se ele quiser eu lembro que ele falou que ia recuperar. Agora ele tem mais facilidade. Mas foi essa briga. O processo do Joaquim foi para a frente. Foi feito uma perícia, nós tivemos uma sorte danada de descobrir nos porões do IBGE [Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística] as fichas onde o IBGE tinha fajutado os números. Foi um trabalho franciscano. Não, franciscano não, beneditino. Porque em cima. Eu fui o auxiliar do perito. Mas quem acabou fazendo a coisa para ele fui eu. A juíza deu vitória para o Sindicato dos Metalúrgicos. Mas quando o Governo Federal é perdedor via ofício, se apela para o tribunal acima. E aí eu perdi o contato com esse tipo de coisa. Ninguém teve, ninguém mais foi atrás. Mas foi um negócio importante, primeiro, porque era confessado. Para nossa vergonha. Porque foi um documento internacional dizendo: "Olha, as estatísticas de vocês não prestam. Só aquele tal de Dieese que está certo." Segundo o Herbert Levy. E aí foi um período importante de crescimento do movimento sindical. As primeiras greves em 1978. O novo movimento grevista. A expansão do Dieese também se deu em cima disso. Os vários escritórios. Porque o pessoal precisava de dado de imediato. Tinha de ligar para São Paulo, era interurbano, não tinha fax. Essas coisas todas, né? E a gente tinha de mandar. Então foram sendo multiplicados os escritórios do Dieese, o que foi bom. Deu unidade ao movimento sindical, através das lutas comuns. Bem, e aí teve a CONCLAT, que foi o Primeiro Congresso das Classes Trabalhadoras. A importância maior foi do Hugo Perez que desafiou o Geisel em uma entrevista: "Olha, se os

empresários podem fazer Congresso, por que é que nós não podemos?” E aí foi autorizado fazer. E foi um grande Congresso, terminou em conciliação e que depois deu as 20 centrais, ou 16 centrais que estão tendo aí. A ideia era ter uma só, mas fortaleceu. Depois dentro de tudo isso também saiu a questão do Partido dos Trabalhadores. Se vocês forem na origem, a origem está no Congresso dos Metalúrgicos, não do ABC, no Congresso dos Metalúrgicos da Federação dos Metalúrgicos. Com o Jacó Bittar sendo afastado: “Olha, nós estamos lutando pelo Partido dos Trabalhadores, mas isso é um Congresso dos Metalúrgicos”. Coisas da história do movimento sindical.

P/1 – Só uma coisinha, Barelli. Teve um período que o Dieese sofreu uma certa pressão do governo, não é? Os sindicatos, aliás, foram pressionados a não se filiarem ao Dieese.

R – Foi.

P/1 – Foi nesse processo?

R – Tem de pegar o chamado ministro Barata. Ele, deve ter sido ministro em 1968, 1969, mais para trás. E o Barata chamou todos os delegados regionais e disse:

“Olha, se aparecer na prestação de contas do sindicato contribuição para esse tal de Dieese, vocês intervêm no sindicato”. Era antes da Constituição de 1988, o Ministério intervinha. Como que o Dieese se safou? Primeiro, o delegado regional de São Paulo, que era um procurador, era um cara pró-governo e tal, mas ele tinha aprendido a lidar com o movimento sindical de São Paulo. E disse: “Olha, eu não tenho condição de fazer isso”. Ele ignorou a coisa. Porque se ele fizesse, o Joaquim era capaz de derrubá-lo. Porque nesse momento São Bernardo vai se fortalecer, lá em 1977, 1978. O grande Sindicato era Metalúrgicos de São Paulo. O Joaquim tinha chamado um general, que tinha sido delegado regional do Trabalho, de general de pijama. E passava. Na boca dele essas coisas eram o que a ditadura deixava passar. E esse delegado ficou durante muito tempo sendo delegado do Trabalho. Como eu não tinha ligação com a parte de Delegacia do Trabalho, não guardo os nomes. Ele não fez essa ameaça para o sindicato de São Paulo. O delegado do Trabalho de Minas fez. E nós tínhamos alguns sindicatos fortes em Minas Gerais. Aí o que foi feito? Existia como sócio do Dieese, uma estrutura que tinha sido criada dentro da CNTI [Confederação Nacional dos Trabalhadores na Indústria], chamada Departamento Profissional dos Metalúrgicos. Hoje seria a Confederação Nacional dos Metalúrgicos, que agora tem uma de cada lado. Pelo menos duas Centrais tem. Mas o órgão, o Departamento Profissional, era composto das federações e dos sindicatos importantes de Metalúrgicos. Que era São Paulo, Rio, Salvador, Recife e Porto Alegre. E as federações que tinham era São Paulo, Rio Grande do Sul, Rio de Janeiro e Minas Gerais. Eles eram comandos dos Metalúrgicos dentro da estrutura

sindical. E, nesse momento, quem era o responsável pelo Departamento Profissional, era alguém do Sindicato dos Metalúrgicos de São Paulo. Eu não me lembro quem, não sei se era o próprio Joaquim. Era alguém. Então o que é que eles faziam? Em vez de pagar o Dieese, eles pagavam para o Departamento Profissional e o Departamento Profissional passava os dinheiros para o Dieese. Então deu para viver apesar das ameaças, da forma que foi tomada. Nós sobrevivemos. Mas sempre o Dieese sobreviveu aos trancos e barrancos, né? Receber atrasado, três meses depois, não foi só uma vez. Então teve um problema sério. E nas assembleias, quem sabe até hoje seja assim, quando se vai discutir: "Olha, a primeira coisa que o sindicato corta é o Dieese. Onde se viu, sem ele nós não temos condição." Mas isso fala o diretor do Dieese. Não fala o cara lá do sindicato. O tesoureiro diz: "Não, tenho de cortar, não vou cortar o dentista, não vou cortar o médico, vou cortar o Dieese". É o que sempre aconteceu. Não sei se está assim. Parece que melhorou um pouquinho mas não muito.

P/1 - Dessas crises que você viveu, qual foi a pior delas, que você se lembra?

R. Olha, a pior foi em plena ditadura, em 1968. O Dieese não tinha como pagar o meu salário. Então, em acordo com a Diretoria, reduzi minhas horas para trabalhar meio período, que eram quatro horas. Para equilibrar minha situação fui trabalhar no Metrô. Quase morri. Eram doze horas de trabalho por dia, quatro no Dieese e oito no Metrô. Mas, "antes de morrer", eu disse: "Não!" Saí do metrô, voltei para o Dieese e aí havia já a possibilidade de me pagar por oito horas. Esse foi um momento ruim, pra mim, pessoalmente. Mas também, era um período em que o movimento sindical era vagaroso, exigia pouco. Então dava para você reduzir as atividades.

P/1 – Você chegou a falar dos congressos. Conclat, Congresso dos Metalúrgicos, também teve Congresso de Mulheres nessa época. Em alguns congressos, alguns documentos aparecem dados do Dieese que eles utilizaram nos documentos, nas teses. Então qual foi o papel do Dieese, por exemplo, na organização, se teve esse papel?

R – A Conclat foi um comando que organizou. Mas os congressos anteriores, muitos deles, foram feitos pela equipe técnica do Dieese, a montagem pelo menos, junto com a assessoria jurídica dos sindicatos. Eu me lembro do

Congresso dos Eletricitários, que foi dessa maneira. O Congresso dos Metalúrgicos de São Paulo, também foi dessa maneira. Já o Congresso da Federação dos Metalúrgicos possuía um jurídico, que tinha lá a sua maneira de ser. Mas, eles aprenderam também com os Congressos dos Metalúrgicos do ABC [São Bernardo do Campo e Diadema]. O segundo e o terceiro tiveram muita participação nossa. No primeiro, também. O Almir, a Annez, o César e eu tivemos participação. No Congresso das Mulheres teve lá uma participação de alguns grupos feministas. Mas quem tentava juntar as coisas era a gente do Dieese, para desgosto da Annez que não gostava de trabalhar com mulher, ou com aquelas mulheres lá.

P/1 – Então, nesse período, que inclusive aconteceram as greves do ABC e depois em São Paulo também, teve um episódio, que foi a sua prisão. Como que foi isso?

R – A minha prisão foi em 1977. 1977, né?

P/1 – Seis de dezembro de 1979.

R – Ahn?

P/1 – Seis de dezembro de 1979.

R – Foi uma coisa interessante. Porque o Figueiredo tinha ido para Florianópolis e resolveu ir lá em uma Praça maldita, tomar café com o povão. E aí o pessoal começou xingar. E ele quis "sair no braço" com o pessoal lá. Chegou a repressão para segurar, aquela coisa. A visita que ele fez logo a seguir foi à São Paulo. E nesse dia que ele vinha para São Paulo, foram "recolhidas" algumas pessoas. Era um dia de "calor do cão", eu estava andando de bicicleta sem camisa na minha rua. Vem um Fusquinha "fuleiro". Eu olho, faço sinal, achei que era um dos pedreiros de uma reforma de um vizinho. Aí, eles param na porta da minha casa, um deles desce e vem falar comigo. Ele disse: "O senhor tem de acompanhar a gente. Nós somos do DOPS. O senhor está sendo convocado". Eu disse: "Eu conheço o Romeu Tuma. Diz para ele que eu vou lá. Vocês não precisam me levar. Eu tenho que levar meus filhos à escola, deixa eu levar eles para a escola. E depois eu me apresento. Não tem problema". Eu fiquei argumentando. Aí, ele falou: "Olha, ou o senhor vem por bem ou vem por mal". Eu disse: "Eu vou assim, sem camisa?" Ele disse: "O senhor pode tomar um banho e se vestir". O que eles queriam é que a minha prisão fosse anunciada. Na época, todos que tinham

atividades perigosas, e trabalhar no Dieese era perigoso, tinham os seus códigos. Então a minha mulher sabia que se acontecesse qualquer coisa ela tinha de avisar tais e tais dirigentes, tais e tais deputados. Por exemplo, o deputado Almir Pazzianotto, o deputado Suplicy [Eduardo Matarazzo Suplicy]. Ai, a Lurdinha [Lourdes Barelli] volta da padaria. Nem liga muito para os caras que estavam na porta. Quando entra e me vê, eu digo: “Olha, eu estou indo com eles”. Ela disse: “O que é isso?”. “Estou indo com eles.” Demora para "cair a ficha" que eu estava indo preso. Eu disse: “Olha, avisa o pessoal”. Então fui. Me levaram para o "porão do DOPS “ e lá estava um antigo dirigente, o Afonso Delelis, que foi presidente ou vice-presidente do sindicato dos metalúrgicos. Sento ao lado dele. Ele diz: “Pô, Barelli, te prenderam? Olha, eu já fui preso 14 vezes, mas desta vez o negócio é sério. Se te prenderam, é sinal que aqui vai ser pior que na Argentina. A coisa está muito séria”. Ai começam a chegar uns estudantes trotskistas. Ele olha e diz: “Prenderam aqueles? Olha, retiro o que eu disse, nós vamos sair daqui hoje”.

[risos]

R – Bem, então o Delelis disse: “Olha, nós vamos sair hoje mesmo”. Dito e feito. O que acontece? Me chamam para o gabinete do secretário, do "dono" lá do DOPS, o diretor do DOPS, o Romeu Tuma. Ele não estava, tinha ido dar proteção ao Figueiredo. Eu entro e um cara, um delegado famoso que eu esqueci o nome, diz: “Professor, aconteceu um lamentável engano. Não sei o que aconteceu, mas isso é um lamentável engano. Não se considere preso. [risos] O senhor, fique à vontade”. Eu disse: “Mas se eu não estou preso eu quero ir embora para a minha casa”. Ele disse: “Não se considere preso, nós só estamos aguardando a liberação do nosso delegado. Estamos entrando em contato. O senhor pode sentar, aqui é a sala dele. Pode telefonar para quem o senhor quiser, pode ler jornal”. Ai, a primeira coisa que faço, ligo para a minha mulher e digo: “Eles disseram que foi um lamentável engano, que eu estou detido e que eles estão ligando para o Tuma para ver se me soltam”. As rádios já estavam dando a notícia. De vez em quando eles vinham, falavam mal do Dom Paulo Evaristo Arns e coisas assim. Baixaria total. Eu não entro na deles. Ai começa a chegar gente. Chega o Almir Pazzianotto. Dali a pouco vem o Suplicy. Ai, o Suplicy diz: “Vamos lá no aeroporto esperar o Figueiredo e dizer para ele essa coisa”. Vão os dois para o

aeroporto. Desce o Figueiredo e o Suplicy do jeito dele: “Presidente, prenderam o Walter Barelli!” Quem é o Walter Barelli para o Figueiredo? [risos] “Prenderam o Walter Barelli.” Um daqueles seguranças dá uma "gravata" nele, o Figueiredo vai andando e acaba. Ele volta depois e conta essa história pra mim. Chegam os três sindicalistas do ABC: o Lula, o Marcílio [Benedito

Marcílio] e o Lins [João Lins]. Depois, chega o Gilmar Carneiro e um outro diretor do Sindicato dos Bancários de São Paulo e ficam fazendo "chacrinha", contando coisas. Ao mesmo tempo, o Hugo Peres, que tinha ido ao Rio de Janeiro, chega no Rio, põe o pé no solo, quando dizem “O Barelli está preso”. Ele pega o mesmo avião e volta para São Paulo. Todos os dirigentes sindicais que não foram para o DOPS, foram para o Dieese, que na época era no Sindicato dos Marceneiros, aguardar em "vigília cívica". Por volta de duas e meia da tarde chega o Tuma:

“Olha, foi um lamentável engano”. Aí, chega um deputado importante de Ribeirão Preto, que trabalhava com movimento sindical rural, que foi importante, se não me engano, na votação das Diretas.

P/1 – Britto.

R – Não. Não era o Britto. Bem, ele chega e diz: "Mas, tem mais gente lá". Então,

eles mandam subir o Delelis. Aí, chega o Tuma e manda eu descer para a porta do DOPS. A minha prisão, acho que foi a primeira da chamada redemocratização, ou como que o Geisel chamava: "democracia relativa". A primeira da redemocratização foi a minha. Durou pouco. Não teve tortura, a não ser a moral.

Teve até uma solidariedade muito grande do pessoal. Agora, a análise feita, é a seguinte: foi uma operação de Estado Maior [das Forças Armadas]. Porque a ideia deles era que, prendendo o Delelis, eles prendiam a oposição sindical inteira. O Delelis tinha todas as ligações com a oposição sindical. Prendendo o Barelli, prendiam o movimento sindical. E prendendo os trotskistas, os estudantes que o Delelis chamava de trotskistas. Eu não vi porque estava muito distante, também não sei qual é o nome das pessoas. Prenderiam também os estudantes. Ou seja, todo mundo ficaria mobilizado para tirar o Delelis, para tirar o Barelli, para tirar os estudantes. Todos saíram naquele dia, não sei se os estudantes saíram na noite ou na manhã seguinte. O Delelis saiu mais ou menos umas seis horas da tarde.

Foi uma operação do DOI - CODI [Destacamento de Operações de Informações - Centro de Operações de Defesa Interna] responsável por uma série de mortes.

Tinha sido mais ou menos desmobilizado, mas se reativou para fazer uma "operação proteja o presidente". Então aconteceu esse episódio que está no meu

currículo.

P/1 – Barelli, durante a sua gestão como diretor técnico, foi quando surgiram as centrais sindicais, né? A CUT, depois a CGT, e como, isso trouxe impactos para o Dieese de alguma forma?

R - O Dieese era chamado de Central Sindical dos Trabalhadores. Porque o Dieese, apesar de inexistente na estrutura sindical, reunia as lideranças de todas as categorias independentemente de confederação. Então, ele estava fora da estrutura sindical, mas era considerado órgão, efetivamente central sindical. Os movimentos nasceram aqui. O Dieese é fruto de um movimento intersindical. Os outros movimentos, aquele que eu falei do Fundo de Garantia, que a Heloisa saiu meio "tostada", era o Dieese que estava fazendo. A fundamentação de todas as coisas, até terem as centrais, acontecia aqui. Porque na Diretoria, normalmente, estavam os líderes do movimento sindical. Então na eleição de 1978, se eu não me engano, tiveram três chapas. Todo mundo queria ser da direção do Dieese. Tinha uma chapa, acho que foi a que ganhou, onde estava o Hugo Perez, mas também uma série de outras pessoas que depois iriam fundar a CUT [Central Única dos Trabalhadores]. A outra, a Chapa 3, era presidida pelo Olívio Dutra. Na Chapa 2, se não me engano, estava o Lula, mas não como presidente. Então, os dirigentes que fundaram o PT [Partido dos Trabalhadores] e a CUT estavam distribuídos nas três chapas. As tendências não eram bem definidas como hoje. Existiam outros dirigentes importantes. O João Carlos [Gonçalves], dos Petroleiros, o Arnaldo [Gonçalves] era importante. Tinha o Benedito Marcílio. No Rio Grande do Sul não tinha só o Olívio, tinha os caras da alimentação. Em Minas Gerais não tinha só o João Paulo [Pires], havia o pessoal dos Jornalistas. No Rio, eu me lembro bem do João Carlos. Tinha alguém da Bahia, tinha alguém de Brasília. Eles estavam divididos na constituição das chapas, mas não por facção política. Pelo menos não dava para perceber desse jeito. Montaram e apresentaram as chapas, uma delas ganhou, mas todos continuaram tranquilamente no Dieese, e gozando uns dos outros: “Olha, eu não deixei você ser diretor do Dieese, porque eu votei na outra”. Brincadeira de dirigente sindical que, de vez em quando, é criança também. Então, o Dieese era a central sindical. O que acontece, quando se formam as centrais sindicais? A maioria da direção

não é os que sentam nas mesas de decisão. A Diretoria do Dieese era que mandava no movimento sindical, não como diretor do Dieese, mas como sindicato importante. Era a diferença que tinha do Dieese para o DIESAT [Departamento Intersindical de Estudos e Pesquisas de Saúde e dos Ambientes de Trabalho]. O DIESAT só tinha dirigente de segunda linha. Do Centro de Memória Sindical só tinha dirigente de segunda linha. Do DIAP [Departamento Intersindical de Assessoria Parlamentar] tinha só dirigente de segunda linha. DIAP era mais diferenciado porque tinha também a coisa de Brasília, então não dá para dizer isso. Tinha de pegar gente que estava lá para poder fazer a tal assessoria parlamentar. E quando surgem as centrais, os dirigentes principais ficam na Central e mandam, mas nem sempre, o primeiro time para cá. Então de vez em quando a Diretoria do Dieese sofre. Quando eu estava saindo do Dieese eu fiquei mais três meses. Porque eu ia sair já em dezembro de 1989 e fiquei mais três meses ou quatro, pois tinham dois dirigentes sindicais liberados. O Dieese nunca teve isso. Eram funcionários públicos, então o sindicato deles liberava. Eles tinham todo tempo, mas não decidiam as coisas nos sindicatos deles, nem no movimento sindical. Foram os que interferiram muito no andamento dos trabalhos aqui, né? Foi uma fase muito ruim aquele período. Eu saí e fiz uma carta denunciando. Disse: “Olha, vocês tem de acreditar na integridade dos funcionários do Dieese”, alguma coisa por aí. Aí o Gilmar Carneiro: “Vamos segurar, vamos manter essa Diretoria mais quatro meses”. Bem, mas era efetivamente o pessoal que desconfiava do técnico, né? Que foi o que aconteceu com a Heloisa e com a Mariana, nos velhos tempos. Eram vigiados. Os telefones, aquelas coisas todas. No meu tempo, tranquilo. Nesse período nós respeitávamos esses dois diretores, e até gostamos quando eles ficaram livres. Desde que eles fizessem a tarefa de diretores. Mas eles quiseram começar a entrar nas decisões técnicas e coisas ali. Aí foi complicado. O fato da existência das centrais cria problemas desse tipo. Então, na reconstituição das diretorias, tanto o Serginho quanto o Clemente, eles têm um rodízio. Primeiro é desta central, depois é da outra que é o presidente. Mas os caras ficam juntos, tem um colegiado. Foi feito uma reforma de Estatuto para acomodar essas coisas. E aí, o que acontece? A maioria desses dirigentes que passaram pelo Dieese cresceram no sindicalismo, pelo menos no sindicalismo paulista, né? O que não era paulista era o Lavorato. Ele perdeu o sindicato,

perdeu o vínculo, porque ele era do Rio. Mas na Diretoria constante são três de São Paulo, né? É um bom estágio, e eles normalmente dão bons frutos para o movimento sindical. Mas precisa tomar cuidado.

P/1 – Você chegou a falar da sua saída, né? E depois de tanto tempo, tanta coisa que você viveu no Dieese, em 24 anos, como é que foi o processo da sua saída do Dieese? Como foi isso para você?

R – A minha saída foi o seguinte: na eleição de 1989, no segundo turno, o Lula criou equipes de programa de governo. E me botou em uma das equipes. Bem, se ele perguntasse eu não aceitaria. Mas como ele fez como fato...

P/1 – Consumado?

R – ...fato consumado! Eu não aceitar significaria, talvez, alguma coisa contra a candidatura dele.[risos]

R – Bem, o...

P/1 – Fato consumado.

R – Fato consumado. É, então eu fui, né? Durante todo esse período eu fui muito amigo do Lula. Tive relações bastante próximas. Conteí aí do caso da prisão, tudo mais. E ele sabia que eu não ia entrar no PT. A gente se encontrava, quando eu estava no Dieese, quase sempre. Mesmo ele estando fora do sindicato. Ele trabalhava com o pessoal de São Bernardo bastante. Era um sindicato muito ativo. Mas era contra o compromisso que a gente tinha como Dieese. Eu disse: “Bem, selou, eu tenho de sair do Dieese. Nós não agimos politicamente, partidariamente”. E aí tive de ter encontro com ministros, discutir lá em Brasília duas, três vezes. Buscar dados, organizar, dar declarações. Não era ainda equipe de transição, mas era equipe. E o Sarney tinha liberado os ministros para, no segundo turno, atenderem as solicitações da equipe do Collor e da equipe do Lula. Bem, aconteceu isso: “Então eu estou saindo do Dieese”. Era a minha decisão. Houve esse lance da assembleia onde eu apresentei uma carta denúncia. Carta tranquila mas denunciando. Não tenho o exemplar dela. Mas o Gilmar pôe panos quentes na situação. “Olha, nós vamos fazer uma reforma geral, fazer um novo Estatuto, não sei o quê. Mas seria importante você ficar mais uns três meses para dar tempo para a gente fazer essas coisas, essa transição de uma forma mais tranquila”. Aí eu aceitei, porque senão era uma crise instalada muito séria. Bem,

então foi assim que eu saí. Aí o Lula criou o Governo Paralelo. Eu fui responsável pela pasta de Economia. Fiquei o tempo todo até ir para o Ministério, trabalhando no chamado Governo Paralelo. Que não era unipartidário. Era a tal Frente Popular. Tinha o pessoal do PSB, alguns que se diziam do PDT. Então era a minha área. Fiquei nessa fase como contribuição nessa área da Economia. Mas aí não tenho mais nada a ver com o Dieese. A história que interessa aqui para mais ou menos nessa saída, né?

P/1 – Ainda sobre o Dieese, mas sobre o futuro. Que é importante até para a equipe do Dieese. Quais os principais desafios que você vê para o Dieese no futuro?

R – [Silêncio] Não estou preparado para essa colocação. Eu saí do Dieese. Então não me sinto uma pessoa que deve... Eu posso falar os desafios que o Brasil vai ter, aí é outra coisa. Mas do Dieese eu acho que cabe agora à equipe atual. Não interfeiri em nada das duas equipes que me substituíram. Eu acho que não cabe a mim falar sobre isso. O que eu acredito é que seguindo a metodologia, a gente sempre teve de colocar os problemas em comum, refletir sobre eles, discutir o que é prioritário, e o Dieese vai encontrar. Porque, inclusive, eu estou afastado do movimento sindical. Ele mudou muito também desse período. O Brasil de 1990 era um Brasil vencedor. As Centrais tinham se imposto em um momento ruim em termos econômicos, mas os trabalhadores estavam ganhando. A partir daí perderam, perderam, perderam... Então a situação é completamente diferente, não dá para opinar.

P/1 – Agora, voltando um pouco para você mesmo. Você disse que é casado. Tem filhos?

R – Três filhos, três netos.

P/1 – Qual o nome deles?

R – Suzana, Pedro e Paulo.

P/1 – Os filhos, né?

P/2 – O que eles fazem?

R – Suzana é jornalista, o Pedro é engenheiro de software e o Paulo é economista.

P/1 – E os netinhos?

R – Os netinhos ainda não têm profissão. [risos]

P/1 – [risos] Os nomes?

R – Artur, Tatiana, e Gabriela.

P/1 – Como que seus filhos... você tem toda uma trajetória, uma história... Como que eles, seus filhos vêem sua história, a história desse pai?

R – Olha, /eu acho que vocês têm que perguntar para eles. [risos] Para eles é muito desgastante. Porque o diretor técnico do Dieese viaja muito. Eu sempre quis ter uma presença grande com os filhos. Tive o bastante. Mas em determinados momentos eu não estava presente. Nada muito grave, mais grave pela mulher.

Quando morreu a mãe dela eu estava, nem me lembro, acho que estava no Rio Grande do Sul. Então não podia estar dando assistência. E ela precisava ir para a Bahia, onde morava a minha sogra. Bem, tem coisas desse tipo. Agora, tem coisas hilariantes. A minha filha Suzana, no colégio dela, em uma aula lá de ginástica com o professor Jair, houve uma discussão. E ele fez coisas que ela não gostou. E o grupinho dela não gostou também. Disse: “Ó, Jair, você sabe, se você fizer isso [risos] eu peço para o meu pai me ensinar como faz greve e vou fazer uma greve contra você”. [risos] Essa é a situação da Suzana. Todos eles conheceram bem o Dieese. A Suzana mamou no Dieese, porque nos sábados eu compensava as horas naquele período que, em 1968, eu trabalhava quatro horas no Dieese e oito no metrô. Quando não dava para fazer nos dias úteis, eu fazia oito horas no sábado para compensar o Dieese das horas que eu não tinha trabalhado. Era para ficar louco... Mas então foi isso. O Pedro teve algumas passagens. O Paulo conhece todo mundo. A nossa turma era muito unida. Tinha as festas de aniversário da filha da Annez, dos filhos do Mauricio, dos filhos do César, dos meus filhos. Ou mesmo as festas de fim de ano do Dieese. Aí o pessoal se reunia. Havia uma integração, uma visão pelo menos de colaborar, saber o que o pai está fazendo. E apoiar da maneira possível o que a gente fazia. O Pedro, algumas vezes, para ver programa de computador, que ele entende: “Olha, estou com essa dificuldade, como que você faz?” Ele se dispunha a estar presente.

P/1 – E a sua esposa?

R – Minha esposa considera o Dieese uma forma de realização. Ela trabalhou um pouco no início da educação sindical...

(FIM DO CD 02)

R – ...que o Dieese fez, antes de surgir a Escola Sindical, dando alguns cursos.

Inicialmente eram esporádicos, para as diretorias do ABC, principalmente. Aí ela passou a ter um trabalho de formação de equipe com o pessoal dos Condutores de Veículos. Ela estava registrada. Alguns dos diretores foram presos no projeto da Caderneta de Prestes. E um dos dirigentes, o tesoureiro da época, teve de ficar a noite inteira respondendo interrogatório, ameaçado de pau-de-arara lá no DOPS, para dizer que minha mulher era a filha do Prestes. Então ela também viveu..., por sorte, né? Nosso amigo aguentou firme. Mas até ela explicar que não era, ela ia sofrer algumas torturas. Mas tortura, só as dificuldades. Porque o Dieese não tinha horário. Ela foi a que mais sofreu com a ausência. Teve de assumir problemas em momentos em que eu estava fora do país. E respostas tinham que ser dadas. Então ela me apoiou o tempo todo. Mas para ela o Dieese foi mais peso do que alegria.

P/1 – E dessa sua passagem pelo Dieese, que lições que você tirou para a sua vida?

R – Para a minha vida... Eu passei a acreditar em uma frase do Celso Furtado, que eu repeti ainda ontem para não sei quem. Ele foi paraninfo desse Kalil que eu citei. Lá da faculdade, da JUC e tal. E a formatura dele foi no Teatro Municipal e eu fui assistir, porque era amigo do Kalil. Eu nunca tinha assistido à uma formatura universitária: "Municipal? Vamos ver". E o discurso do Celso Furtado era: "Se você faz política, você tem duas maneiras para fazer política", falando para os economistas, "Uma, entrando em um partido político, e aí cumprindo as tarefas. Subindo na hierarquia ou não. Sendo um militante decente do teu partido. E a outra, é sendo um bom profissional". Eu vim para o Dieese quando saí de uma organização, que era um partido político, a Ação Popular, e fui afastado em um processo meio neurótico. Na época, o pessoal que vivia na clandestinidade não tinha porque serem os mais equilibrados do mundo. Mas, saí, de um partido, que nós queríamos que fosse um partido. E fui para um lugar onde eu tinha de exercer minha atividade profissional. E foi onde eu me realizei. Então levo isso para a frente ao longo da vida.

P/1 – De alguma forma essa passagem ela contribuiu para o exercício de outras

atividades como ministro do Trabalho, carreira política?

R – Ah, sem dúvida, sem dúvida. Eu recebi, não me lembro o nome dele, um antigo, secretário do Trabalho, que é o ministro do Trabalho nos Estados Unidos, que veio visitar o Dieese em uma missão qualquer. Ele não era mais do governo americano. Ele tinha sido responsável pela recuperação do Japão. Era um economista. Pela idade talvez já tenha morrido, mas não sei se morreu. E ele disse: “Olha, as pessoas que estão mais aparelhadas, mais...” “Não é aparelhadas, não foi esse o termo que ele usou. “Mais em condições de exercer cargos de governo, são os que passam pelo mundo do trabalho.” E é verdade. Porque em uma situação como do Dieese, no Brasil é Dieese, mas pode ser um outro organismo qualquer. Você é obrigado a pensar em uma forma mais ou menos holística, são vários interesses. Você tem de fazer opções. Você tem de negociar. Você tem de negociar para ter os apoios. E tudo isso é o que se usa quando você é governo. Então para a atividade de Ministério, sem dúvida. De secretário de Emprego também. Para deputado não. Deputado, minha experiência é muito pequena. Lógico que serve porque a forma de no Dieese você ter trabalhado com um leque de categorias, de opções, de problemas, praticamente você fala de álcool e eu sei do que se trata e as influências do álcool. Controle de natalidade eu sei o que é e como é. Se é importante, se não é. Siderurgia, gargalos de desenvolvimento. E vai por aí fora. Porque tudo isso a gente teve de enfrentar em ponto pequeno, em ponto grande, como diretor do Dieese. Mas não é só ser do Dieese. Se pudessem, as pessoas que tentassem resolver os problemas do trabalho, ficariam, começando a resolver os problemas do país.

P/1 – O que você achou de estar participando desse Projeto Memória Dieese, com o seu depoimento?

R – Olha, eu aprendi que você tem de estar aberto para várias profissões. A minha ideia aqui era ter uma equipe multiprofissional. Brincava muito com a Sonia, do Rio de Janeiro, que estava faltando um antropólogo, quando ela estava entrando no Dieese. Precisamos ver a realidade de várias maneiras. É importante você ter alguma noção de história para não errar tanto. Não que nada disso que eu falei vai se repetir na história do Dieese. Isso é um negócio muito particular, dependeu das circunstâncias do tempo que eu vivi, da equipe maravilhosa que eu tive. Não fui eu, foi o grupo que trabalhou comigo aqui e nos estados. Então contar um pouco

dessa história serve para algumas coisas. No dia dos 50 anos, eu ia fazer um discurso mais longo. Mas quando o João Paulo não foi cassado, eu votei pela cassação, porque ele tinha mentido. Apesar do João Paulo ser um grande cara, não estou tirando os valores dele, mas ele tinha faltado com a ética. Eu votei pela cassação e saí porque tinha uma outra coisa [pra fazer]. Quando cheguei em casa, liguei a televisão, ele tinha sido absolvido. Eu disse: “Eu não volto mais para o Congresso. Aqui eu não estou feliz, não é uma coisa boa.” No outro dia de manhã eu fui andar, eu ando sempre, preciso praticar exercícios por causa da diabetes. Quando eu ando, eu penso e reflito. E uma das coisas que eu refleti foi a seguinte: “O Dieese foi feito por um número pequeno de pessoas e hoje tem duzentas pessoas. Mas, de primeiro, era um núcleo de cinco ou seis pessoas, depois foi crescendo, mas crescendo como podia crescer, sabendo como estava dando cada passo. Era um negócio importante que teve uma participação muito grande na história do Brasil”. O chamado Novo Sindicalismo tem tudo a ver com a tese de doutorado da Annez Andraus. Que indicou: “Nós precisamos ir para uma categoria dinâmica, que vai estar na frente do próximo momento”. Vocês perguntaram sobre o futuro do Dieese. Na época estávamos fazendo a mesma pergunta: “O que nós vamos fazer no futuro?” Então, [os trabalhadores] da indústria automobilística era a categoria escolhida, e deu certo. Foi o Sindicato [Metalúrgicos de São Bernardo] que cresceu e entrou para a história do Brasil. Muita coisa que aconteceu na Constituição do Brasil foi por causa do Dieese. Nós conseguimos colocar muita coisa na agenda política nacional. Então é possível a um órgão pequeno colocar seu tijolinho em uma grande construção. Eu acho que o Dieese não colocou um, colocou vários tijolos. Se eu continuasse no Parlamento, onde eu não estava feliz, a ideia era: “Não dá! Para. Vamos ver se eu não gosto assim. Como que é um bom Parlamento? O que se deve fazer.? O que se pode fazer em um mandato integral, não chegando em uma época de denúncias e CPIs. Quatro anos, o que pode ser feito?” E o exemplo a seguir seria o exemplo do Dieese. Então isso é importante. Quer dizer, a história do Dieese pode ser a história de muitas organizações. Elas todas vão começar pequenas, não vão ter possibilidade de enfrentar o governo militar do jeito que a gente enfrentou, enfrentar patrões do jeito que a gente enfrentou. Mas tem outros enfrentamentos, outras características que cada uma das organizações certamente vão ter pela frente. E trabalhar com elas, modificar situações. Então é

um belo exemplo. A gente passa, mas vai ficar um depoimento. O que menos importa é a pessoa. O que importa é que houve uma equipe aqui, que conseguiu com muita integração construir o Dieese. Sobre isso, as pessoas que trabalharam no Dieese no meu período, posso dizer, foi um pessoal muito bem selecionado. Era difícil fazer seleção no Dieese, não era qualquer um que entrava, vinha muita gente vocacionada para aquilo que a gente achava que devia ser. Erramos muito pouco nesse processo de seleção. Não vou dizer que todos deram certo. Agora, aqui foi, espero que continue sendo, uma grande escola profissional de ação no social. A própria realidade do mundo do trabalho está em transformação. De alguma forma ela já ocorreu e a gente não sabe como que nós estamos dentro dela. E vai ter que descobrir os caminhos. E precisa ter aí uma massa pensante. Que se coloca a serviço dessa causa. Tá por aí.

P/1 – Obrigada.